

EDUCAÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA NA COLEÇÃO DE CATECISMOS DO MONSENHOR ÁLVARO NEGROMONTE: UMA ANÁLISE DO TEXTO EM SEU SUPORTE

Evelyn de Almeida Orlando*

RESUMO

Este artigo apresenta a coleção de catecismos Monsenhor Álvaro Negromonte, produzida entre os anos de 1930 e 1960, analisando-a como um projeto educacional que renovou as bases do ensino de catecismo no Brasil, incorporando pressupostos das correntes escolanovistas. Do ponto de vista metodológico, esses livros são analisados na perspectiva proposta por Chartier, considerando o texto em seu suporte material e atentando ainda para o seu formato de coleção como estratégia editorial constituída para aumentar a circulação desse objeto que sempre fez parte do mercado editorial. Este trabalho busca, ainda, compreender a representação que esses livros tiveram na sociedade brasileira, destacando sua importância para a educação católica e a formação moral que se pretendia como base do projeto de recristianização da nação empreendido pelos católicos com mais fôlego a partir dos anos vinte. Essa análise traz ainda para o debate a relação que se estabeleceu entre Igreja e modernidade através dos impressos, apontando para a apropriação de novas técnicas e dos novos saberes pedagógicos na produção de uma coleção de catecismos que deveria alcançar com maior eficácia o público escolar. A Coleção Monsenhor Álvaro Negromonte marcou a História da Educação Católica, erigindo uma memória em relação ao seu autor como o arauto da renovação do ensino de catecismo que vem passando ao largo da historiografia educacional brasileira.

Palavras-chave: Catecismos católicos. Educação. História.

Recebido em: abril/2012 – Aceito em: junho/2012

* Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe; Doutoranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: evelynorlando@gmail.com.

EDUCATION, HISTORY AND MEMORY IN MONSIGNOR ALVARO NEGROMONTE'S CATECHISM COLLECTION: AN ANALYSIS OF THE TEXT IN ITS SUPPORT

ABSTRACT

This article presents the Monsignor Alvaro Negromonte collection of catechisms, produced between 1930 and 1960, analyzing it as an educational project that renewed the foundations of teaching catechism in Brazil, incorporating premises of the New School thinking. From the methodological point of view, these books are analyzed under the perspective proposed by Chartier, considering the text and its support, and still paying attention to its collection format as an editorial strategy created to increase the circulation an object that has always been part of the publishing market. This paper tries also to understand the representation these books have had in Brazilian society, highlighting its importance for Catholic education and moral formation that was intended as the basis of re-Christianization project undertaken by Catholics with renewed strength from the 1920's on. This analysis also brings the debate on the relationship established between Church and Modernity through the printed media, pointing to the appropriation of new techniques and new pedagogical knowledge in the production of a collection of catechisms that would more effectively reach the public school. The Monsignor Alvaro Negromonte collection marked the history of Catholic Education, erecting a memory in relation to its author as the harbinger of renewal of catechism teaching that has been going off the Brazilian education historiography.

Keywords: Catholics Catechisms. Education. History

1 Introdução

Desde os anos de 1980, os estudos realizados no campo da História da Educação no Brasil vêm atentando para a produção e usos de objetos culturais como o livro, tentando perceber através de suas representações, as formas como esses incidem ou interagem com a sociedade e como se movimentam no curso da História.

De uma maneira mais ampla, os impressos vêm contribuindo com a História da Educação em uma via de mão dupla. Por um lado, os olhares dos historiadores têm-se voltado para percebê-los como

objetos de estudo específicos, plausíveis de análise pela história que o constitui e que é constituída por eles. Por outro lado, muitas vezes de forma concomitante, como é o caso dos manuais analisados neste trabalho, os impressos se configuram com uma importante fonte de pesquisa histórica que em sua materialidade, textualidade, sua presença no mercado e na vida social carregam em si uma história que se não fica evidenciada nas suas linhas e entrelinhas, certamente tem muito a indicar, apontar e sugerir.

Os impressos têm se constituído em um campo com uma história própria e abrangem variadas vertentes. Neste artigo, as lentes da História se voltam para uma classe específica de impressos, os catecismos católicos, impressos de destinação pedagógica para a propagação e conservação da fé da doutrina da Igreja. Situados no âmbito da modernidade, os catecismos que se constituem o objeto dessa pesquisa, fazem parte de um contexto histórico que auxilia a compreensão da representação que esses livros tiveram na sociedade brasileira, destacando sua importância para a educação católica e a formação moral que se pretendia como base do projeto de recristianização da nação empreendido pelos católicos com mais fôlego a partir dos anos 1920 e 1930. Essa análise põe em evidência a relação que se estabeleceu entre Igreja e modernidade através dos impressos e acentua a produção de uma coleção de catecismos como fruto de um diálogo estreito com as novas técnicas modernas para distinguir um objeto que já estava no mercado, fazendo-o alcançar uma circulação maior e mais diversificada por ser destinada ao público escolar.

2 Um projeto educacional a serviço da História

Originária do latim *katechismós*, a palavra catecismo significa instrução religiosa, inicialmente transmitida na forma oral. Posteriormente, o catecismo católico se organizou a partir de um texto de referência, seguro e autêntico para o ensino da fé e da doutrina católica iluminado pela Tradição apostólica, pelo Magistério da Igreja e pelas Sagradas Escrituras. O que para Bourdieu, na análise que faz sobre o campo religioso, significa “um ponto de apoio que servem de roteiro, impedindo excentricidades e extravagâncias, que asseguram a economia da improvisação, mantendo-a dentro de limites (2005, p. 98). Organizado em formato de perguntas e respostas muitas vezes, visava transmitir a mensagem, ensinando através da técnica mnemônica da repetição para memorização os valores e normas da Igreja, regulando os instintos e criando um conjunto de *habitus* próprios de um cristão.

Como todo texto, o catecismo teve seu suporte. As pistas deixadas na História do Livro e da Leitura permitem compor a produção desse impresso associando as formas aos sentidos atribuídos ao texto. Segundo Manguel, de todas formas que os livros assumiram ao longo do tempo, as mais populares foram aquelas que permitiam ao leitor mantê-lo confortavelmente nas mãos (1997, p. 152).

A profusão de catecismos que se desenvolveu na modernidade, os variados formatos e usos que receberam, a presença, mas sobretudo, a circulação intensa desses textos nos espaços e nas políticas públicas de educação revelam o diálogo entre Igreja e modernidade e a apropriação das propostas modernas materializadas no catecismo, um impresso pedagógico fruto de um projeto católico eficiente, atento às novas técnicas de produção desenvolvidas nos tempos modernos.

O investimento da Igreja em um impresso de destinação pedagógica como o catecismo atingiu com êxito pontos nevrálgicos da instituição: contribuiu diretamente para a propagação da fé católica, para a superação do estágio de ignorância religiosa em que se encontrava o povo cristão e foi instrumento eficaz para o empreendimento de uma nova cristianização.

A Encíclica Divini Illius Magistri (1929) anuncia um enrijecimento em relação às modernas pedagogias como forma de conter as variadas leituras e apropriações que vinham sendo feitas desse movimento. Esse freio regulador, no entanto, não significava uma total falta de diálogo com os saberes oriundos das ciências pedagógicas, mas indicava a necessidade de maior cuidado por parte dos católicos com as motivações do movimento. A ressonância dessa Encíclica no Brasil resultou em tomadas de posição tanto políticas quanto pedagógicas por parte do grupo católico. A partir da publicação do tão propagado Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932, boa parte da militância católica se retirou da Associação Brasileira de Educação (ABE). Todavia, essa reação não pode ser lida apenas como uma reação ao avanço da nova Pedagogia, conforme assinala Carvalho (2002). É certo que algumas lideranças católicas associavam os princípios escolanovistas à “má pedagogia”, mas, no interior do próprio campo católico, predominou a tendência de incorporar a nova pedagogia,

[...] depurando-a de tudo que contrariasse os preceitos da Igreja. Em publicações diversas, eram arrolados os princípios escolanovistas a serem rechaçados pelo professorado católico e os livros, nacionais e estrangeiros que os

difundiam, eram discriminados como “má pedagogia”. Paralelamente, eram propostas versões católicas da nova pedagogia, através de preleções doutrinárias que, firmando princípios, constituíam uma ortodoxia pedagógica e um corpus bibliográfico de referência, formulando-os como crivos e modelos de leitura. Prescrição e proscricção de livros, modelização de práticas de leitura e catolicização do discurso e da práxis escolanovista, esses procedimentos marcaram as estratégias católicas de ortopedia doutrinária no campo da Pedagogia. (CARVALHO, 2002, p. 390-391).

A fundação da Confederação Católica Brasileira de Educação e do seu principal veículo de divulgação do pensamento católico junto ao professorado, a Revista Brasileira de Pedagogia, foi o principal órgão de difusão desse modelo de pedagogia que foi conformando o cenário educacional no Brasil dos anos de 1930 e 1940 (SGARBI, 1997, 2001). Foi nessa esteira modelar que Negromonte começou a desenvolver seus projetos a partir de uma perspectiva institucional mais legítima que alcançou com o cargo de diretor do Ensino Religioso da Arquidiocese de Belo Horizonte em 1932, trabalhando lado a lado com o Arcebispo de Belo Horizonte D. Antônio dos Santos Cabral, que o elegeu como seu braço direito nos assuntos de educação religiosa e, com isso, veio a se constituir um dos seus maiores incentivadores no Estado e na hierarquia da Igreja. A partir do Congresso Catequético de 1928 que terminou com o presidente Antônio Carlos de Andrada assinando o decreto que facultava o ensino religioso nas escolas públicas de Minas fora do horário escolar, diferentes caminhos foram abertos no sentido de melhorar e modernizar o ensino de Catecismo.

Abria-se diante dos católicos mineiros uma tarefa imensa e desconhecida. Realizar o ensino e pô-lo à altura da Escola Nova, – eis a dupla tarefa em que os mineiros não descansaram ainda, nem poderão jamais descansar [...] Era necessário organizar – ou ver o fracasso. D. Cabral atendendo, aliás, ao dec. Sane provido Concílio Criou o Conselho Arquidiocesano de Ensino Religioso, cujo ofício é precisamente organizar, fomentar, orientar em toda a Arquidiocese o ensino do Catecismo. É sob suas vistas diretas, sob a sua orientação imediata (o Arcebispo vai presidir reuniões do conselho e ditar suas ordens), que os trabalhos progridem de ano para ano. As preocupações do Arcebispo com o bom ensino religioso, o seu gosto de verificar, o desejo de estimular os catequistas a fazerem sempre mais e sempre melhor, levam-no a presidir, cada ano, aos exames finais de religião nos colégios católicos da capital. (NEGROMONTE, 1943, p. 98).

No Brasil, assim como na Europa, os Congressos Catequísticos tiveram um papel fundamental na remodelação do ensino religioso. Eles inauguram um espaço de debates e de trocas de experiências entre diferentes sujeitos envolvidos com as questões do ensino religioso e não só antecedem, mas talvez possam ser considerados como os grandes impulsionadores das publicações pedagógicas voltadas para a formação de professores de catecismo. Certamente, ele foi um dos cenários privilegiados do padre Álvaro Negromonte. Recém-chegado em Belo Horizonte, em 1927, engajou-se na organização do Congresso Catequístico, realizado na capital mineira em 1928. Essa experiência somada aos anos de trabalho desenvolvido em escolas e paróquias juntamente com outros catequistas e a participação no I Congresso Católico de Educação, de 1934, alimentou a iniciativa de publicar mensalmente uma revista intitulada Boletim Catequético¹ com vistas a auxiliar o professorado mineiro a realizar o catecismo de maneira mais eficaz, incorporando as contribuições das ciências da educação também nas aulas de ensino religioso.

Esse trabalho de formação dos professores, os debates que se travaram nos Congressos Catequísticos e nos Congressos de Educação, as lacunas apontadas em relação ao ensino de catecismo, as pesquisas realizadas pela Escola de Aperfeiçoamento dos Professores de Belo Horizonte demonstrando o desinteresse dos alunos pelo ensino religioso, somavam um conjunto de fatores que abriram caminhos para que o padre Álvaro Negromonte se empenhasse na construção de livros de catecismos mais adequados às demandas doutrinárias e pedagógicas da sua época.

Esse projeto de remodelação do ensino de catecismo que consolida um novo corpus de saberes pedagógicos autorizados, incidiu diretamente nas práticas educacionais católicas e permite pensar ainda como isso contribui para definir uma representação do seu autor como intelectual da educação.

Com uma habilidade particular para fazer e manter amigos como afirma o padre Orlando Machado em artigo especial pelo 26º aniversário da sua ordenação sacerdotal, publicado no Boletim Catequético de

¹ Essa revista vem sendo analisada por mim como parte da pesquisa realizada no doutorado em Educação realizado na Universidade do estado do Rio de Janeiro. Uma análise preliminar será apresentada no IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação em uma dimensão comparativa com o Boletim A Escola Portuguesa em parceria com a Professora Dr^a. Maria João Mogarro como um dos resultados do estágio de doutoramento sanduíche realizado em Portugal, em 2011.

junho/julho de 1950, pode-se dizer que Negromonte acumulou um capital social ao longo da vida que contribuiu para marcar o seu trabalho em uma posição privilegiada, quase “pioneira” no campo religioso no que concerne às questões educacionais e à renovação das práticas pedagógicas². Mas é interessante pensar nesse “pioneirismo” como uma marca que se construiu em meio a uma multiplicidade de ações que vinham sendo desenvolvidas nesse mesmo intuito reformador.

Diferentes leituras foram feitas dos pressupostos modernos, relacionando-os ao ensino religioso ou às escolas católicas. Nesse sentido, é interessante chamar a atenção para os congressos regionais como espaços que marcaram as várias apropriações feitas pelo grupo católico nos diferentes estados nacionais. Eles refletem ainda outra disputa, no âmbito interno do campo religioso católico, pelo pioneirismo na renovação do ensino religioso. Segundo Negromonte (1940), enquanto Everardo Backeheuser organizava os professores católicos para darem o sentido integral à Escola Nova, a aplicabilidade dessas proposições já se dava no âmbito das aulas de catecismo. A modernização da catequese visava à confirmação do binômio teoria/prática do processo educativo nas salas de aula a partir de uma questão controversa para grande parte dos escolanovistas: o ensino religioso.

Para Negromonte, “os divulgadores da Escola Nova lhe deram uma antipática feição irreligiosa, fazendo-a mais um objeto dos combates que da assimilação e aproveitamento dos católicos” (NEGROMONTE, 1938, p. 75). Todavia, uma catequese modernizada, calcada nos pressupostos escolanovistas, surgiu em quatro estados apontados por Negromonte: Ceará, com o padre Hélder Câmara; São Paulo, com a Irmã Lourença; em Pernambuco, com Cônego Jerônimo de Assunção, e, posteriormente, com o padre Carlos Leôncio que deu ao movimento maior repercussão do que o seu antecessor; e, em Minas, com o próprio Negromonte e Waleska Paixão.

A partir de meados da década de 1937, o Monsenhor Álvaro Negromonte empreendeu uma reformulação nos textos de catecismo em um duplo aspecto: material e textual. Os primeiros livros publicados eram voltados à formação moral e à formação dos professores, intitulados, respectivamente, *O caminho da vida* (1937) e *A Pedagogia*

² Apesar de serem escassos os trabalhos referentes à obra do padre Álvaro Negromonte, na História da Igreja é recorrente sua indicação como “arauto da renovação catequética no Brasil”, tal como se refere Viléla (1998). Outras Referências dessa natureza podem ser encontradas nos trabalhos de Lustosa (1992), Passos (1998).

do Catecismo (1938). Logo em seguida, publicou outros livros que iriam compor o programa para o ensino secundário. Posteriormente, dedicou-se aos livros para o ensino primário e, por fim, produziu três guias para auxiliar o professor no ensino de catecismo para o curso primário. A atenção com o ensino secundário, primordialmente, poderia ter duas razões que não ficaram claras em seu projeto: o fato dos destinatários serem privilegiadamente o público católico e, portanto, os colégios confessionais serem o principal mercado consumidor; a outra razão, corroboraria com a formação de uma elite dirigente em sólidos princípios católicos.

O novo significado da catequese compreendia uma formação voltada para a vida religiosa na prática. Deveria se ensinar a doutrina sem perder de vista o aspecto formativo da educação religiosa, mas de forma atraente, interessante para os alunos e conseqüentemente eficaz para o objetivo ao qual se propõe. Os antigos manuais não atendiam a essas expectativas. Faziam-se necessários novos textos.

Os novos textos, se quiserem realmente servir à finalidade do catecismo, que é formar o cristão prático, devem ter uma feição inteiramente diversa da atual. Sei que diante de um catecismo novo, todos sentiremos uma impressão estranha. Temos na mente aquelas perguntas, aquelas expressões que decoramos em criança e ensinamos mil vezes aos pequenos; acostumamo-nos aquela ordem de matéria; afizemo-nos até o tipo de livro dos nossos catecismos .. Mude-se aquilo e nós estranharemos [...] Mas é preciso mudar! (NEGROMONTE, 1942, p. 75).

As mudanças às quais Negromonte se referia diziam respeito à linguagem do texto, ao conteúdo sob medida, a didática, a aproximação com a realidade, o caráter prático das lições e, por fim, embora ele diga ser esse último de menos importância, reiterando a teoria de Bourdieu sobre o aparente desinteresse que promove a empresa religiosa, a necessária mudança no aspecto tipográfico.

Quem conhece psicologia infantil sabe o desprestígio de um livro pequenino, tipo miúdo, sem ilustrações, em face dos livros grandes, texto claro e variado correndo entre as figuras que falam muito mais do que as letras. E quem sabe o encanto de um novo livro vê logo que entre os manuais que variam a cada ano despertando o interesse e o entusiasmo dos pequenos, o mesmo catecismo passando, velho e conhecido, de ano para ano fará bem triste figura [...] (NEGROMONTE, 1942, p. 78).

Logo depois da publicação desse artigo na Revista Eclesiástica Brasileira, Negromonte lançou a série Meu Catecismo, voltada para o curso primário ainda nesse mesmo ano. Além disso, ao falar da necessidade de renovação nos textos, Negromonte apontava alguns trabalhos nessa direção, ressaltando o valor das iniciativas, mas qualificando-as como não muito bem sucedida. Ao propor um novo texto de catecismo, Álvaro Negromonte não se referia apenas a uma mudança textual. Preocupado em tornar o livro um recurso eficaz para as aulas, sua atenção se voltava para os aspectos teórico, metodológico e técnico do objeto em questão e afirma “Sei que dar um texto novo de catecismo (e não um novo texto) de catecismo é tarefa difícilíssima. Mas é tão necessária que merece nossos melhores esforços.” (NEGROMONTE, 1942, p. 82).

A preocupação do padre com a forma dos textos de catecismos refletia a aproximação dele com as ideias que estavam circulando em torno da renovação do campo pedagógico. A importância dada ao livro como impresso pedagógico se refletiu nas primeiras décadas do século XX, sobretudo a partir de 1920 na preocupação com o conteúdo, mas também com a forma. Segundo Vidal, o Programa de Literatura Infantil para a Escola de Professores do Instituto de Educação do Distrito Federal, trazia no seu conteúdo um conjunto de critérios referentes a uma boa publicação compartilhados por outros profissionais da educação. Dentre esses critérios praticamente normativos figuravam a preocupação com o conteúdo do texto, a organização atentando para a unidade da obra, a atualidade e a exatidão das noções postas, a adaptação aos interesses básicos das crianças; as qualidades artísticas; a linguagem apropriada, correta, clara e simples e os cuidados com a feição material, com o formato, a impressão, o papel e as gravuras utilizadas (VIDAL, 2001, p. 94).

A publicação de novos livros de catecismos em um novo suporte material e textual tinha um significado mais amplo para a Igreja que ia além da esfera pedagógica e recaía no âmbito político. Publicar é tornar algo público. É fazer conforme assinala Bourdieu “passar do oficioso ao oficial. A publicação é a ruptura de uma censura” (2001, p. 244). Publicar novos textos de catecismos era uma demonstração pública do diálogo católico com os novos tempos que vinha tentando ser silenciado pelo grupo de liberais republicanos que faziam frente ao catolicismo. Significava romper com a censura republicana e imprimir as marcas da Igreja na História.

Pensar nesse aparato pedagógico como suporte que fundamenta a organização de uma coleção, remete a uma análise que vai além da compreensão da ferramenta pedagógica em si. As coleções em sua história, segundo Oliveira (*apud* TOLEDO, 2001), constituem-se em uma estratégia de marketing, um tipo de investimento que consistiu em dar uma nova forma de uso a um produto que já estava no mercado, o livro e, no caso da Coleção Monsenhor Negromonte, foi o que ocorreu, literalmente.

Os primeiros livros publicados pela Editora Vozes, sua primeira editora, não faziam nenhuma referência aos manuais como parte de uma coleção. É possível que esse fosse, de início, um projeto apenas do autor compactuado posteriormente com sua segunda editora, José Olympio como estratégia para aumentar a circulação e atingir um público mais diversificado. Potencialmente, seus destinatários eram os colégios confessionais e os professores e alunos de cursos de moral e religião realizados, geralmente, nas Igrejas. A ideia de produzir uma coleção de livros didáticos, ampliava os usos dos livros como manuais escolares, criando um novo consumidor em potencial que seriam as escolas tanto públicas quanto privadas.

A estratégia de barateamento dos livros que fazem parte de uma coleção não encontrou respaldo nas publicações da José Olympio. Em carta à editora, Negromonte afirma “recebi os dois exs do MEU CATECISMO. Muito agradável a apresentação. Tanto deles como de FONTES. O pessoal está achando caro, mas está comprando...” (NEGROMONTE, 29/04/1945). Se por um lado, essa menção ao aumento dos preços das obras vai de encontro a uma das especificidades da coleção que é barateamento dos livros, por outro lado, atesta para o prestígio do autor e da editora, que se permitem aumentar os preços sem que isso acarrete prejuízo nas vendas.

A ordem dos livros que se seguiu nesse projeto adotou o caráter de um programa escolar, anunciando o endereçamento para cada série, a qual o livro era destinado, conforme quadro a seguir:

Quadro 1 – Coleção Monsenhor Álvaro Negromonte³

<i>Para o curso primário/</i>
Meu catecismo – 1º ano
Meu Catecismo – 2º ano
Meu Catecismo – 3º ano
Meu Catecismo – 4º ano
<i>Para o Curso Elementar</i>
Manual de Religião
<i>Para o curso secundário</i>
Minha vida cristã (para a 1ª série ginásial)
A Doutrina Viva (para a 2ª série ginásial)
As fontes do Salvador (Missa e Sacramentos) _ Para a 3ª série ginásial
O caminho da vida (Moral cristã) – Para a 4ª série ginásial
História da Igreja (para o 1º ano colegial)
<i>Para o curso Normal</i>
A Pedagogia do Catecismo
Guia do Catequista (para o 1º e 2º ano primário)
Guia do Catequista (para o 3º ano primário)
Guia do Catequista (Para o 4º ano primário)

Fonte: Biblioteca Nacional

A construção dessa coleção visava atender a demanda da falta de livros religiosos escolares mais atraentes para os alunos. Esse processo ocorreu de forma paulatina e contou sempre com possíveis revisões a cada reedição. A organização apresentada no quadro acima se refere à última forma que ela adquiriu, sob a tutela da Editora Rumo, onde passou a incorporar os três volumes Guia do Catequista. Em 1960, o Monsenhor Álvaro Negromonte e seu sobrinho Romeu Negromonte abriram a Editora Rumo, uma sociedade anônima com a finalidade de publicar obras religiosas e literárias. Não foi possível averiguar as reais causas do afastamento do padre em relação à Editora José Olympio. Uma das hipóteses levantada era a preocupação pronunciada algumas vezes em correspondências sobre a pontualidade na entrega dos livros, os quais por serem de natureza didática, deveriam estar à venda, impreterivelmente, no início do ano. Problemas dessa natureza já tinham chegado a impedir o lançamento de alguns livros na data pretendida. Nesse sentido, é possível que a Editora Rumo tenha sido fundada pelo padre com o intuito de assegurar maior controle sobre as edições e reedições dos seus livros.

³ Um estudo mais aprofundado sobre a Coleção Monsenhor Negromonte pode ser encontrado em Orlando (2008).

3 A Materialidade em Questão

Um estudo sobre o livro nessa perspectiva requer uma atenção maior para a História específica que a prática editorial possui. Segundo Chartier (2001), é importante considerar a trajetória que conduz o texto ao leitor e a edição é essa via que transforma o texto em objeto e o conduz aos leitores. Conforme Chartier, “todas as dimensões da História da cultura impressa podem se associar à figura do editor, à prática da edição, à escolha dos textos, ao negócio dos livros e ao encontro com um público de leitores” (CHARTIER, 2001, p. 45). Os dispositivos editoriais assumem a função de selecionar, organizar, recortar e modificar os conteúdos do livro visando criar um conjunto de condições que favoreçam a aceitação de uma obra no mercado e que, em uma esfera mais ampla, propicie uma determinada ordem nesse mundo escrito. A preocupação com as formas de um texto têm um sentido normativo que faz com que o “autor, o livreiro-editor, o comentador, o censor, todos pensam em controlar mais de perto a produção de sentido, fazendo com que os textos escritos, publicados, glosados ou autorizados por eles sejam compreendidos, sem qualquer variação possível, à luz de sua vontade prescritiva.” (CHARTIER, 1994, p. 7)⁴.

Um trabalho dessa natureza requer uma parceria que viabilize o processo de produção do livro. De acordo com Smith Jr., essa equipe engloba basicamente, o autor, o impressor, o livreiro e o editor. Para ele, o autor sério deve se preocupar antes de tudo, com “a integridade e a eficácia com que o editor apresenta a mensagem ao público” (SMITH Jr., 1990, p. 26). O impressor contribui de forma indispensável em três áreas do projeto editorial: no planejamento visual do livro, na editoração e revisão do texto e no capital financeiro. Em relação à primeira área, é ele quem orienta o editor nas questões técnicas como as combinações dos tipos, o layout da página, as cores das tintas, a seleção do papel, o tipo de encadernação e por aí em diante; em relação à segunda, em países em estágio de desenvolvimento como é o caso do Brasil, é comum que o editor não tenha um preparador de originais, adotando a prática de “apresentar o autor ao impressor, deixando com estes a resolução de todos os problemas até que o livro esteja terminado, [...]”

⁴ Embora este trabalho esteja voltado para a História do Livro em si, não é possível desassociar livro e leitura. A produção de um livro se subentende um destinatário e uma prática de leitura ou um outro uso por parte deste receptor. As práticas de leitura, por sua vez, não podem ser desassociadas do suporte material que encerra o texto e o carrega de significado.

o que pode resultar em uma experiência terrível para o impressor e o autor e muito dispendiosa para o editor que eventualmente pagará as contas” (SMITH Jr., 1990, p. 28). Em relação à terceira área em que as funções do editor e impressor se encontram diz respeito ao financiamento da produção do livro. O impressor muitas vezes, apesar do editor fornecer o capital para a produção do livro, acaba investindo na produção sobretudo, quando essa é muito longa. O editor está no centro do plano geral e mantém relação com os outros parceiros da equipe. Dentre as várias tarefas próprias do editor, três são consideradas principais que devem ser observadas separadamente e em relação umas com as outras: a editoria, a produção e as vendas e o marketing. O livreiro é o responsável pela circulação do livro. É “normalmente, a última pessoa antes do comprador final na cadeia que começa com o autor.” (SMITH Jr., 1990, p. 30).

O trabalho do editor consiste em encontrar o original para publicar e prepará-lo para a impressão. Essa preparação objetiva ajudar o autor a apresentar a sua obra de forma mais clara, inteligível e interessante para o leitor. Evidentemente, quanto melhor preparado estiver o original, mais barato ficará o trabalho do impressor, que terá o custo das correções reduzido.

O processo de materialização do original em livro passa por várias fases, dentre as quais, a primeira delas é o planejamento visual do livro. Para isso, conta-se com a figura do designer, o qual tem como objetivo “planejar um livro não apenas agradável ao olhar, mas que represente as ideias do autor e do ilustrador de modo bem claro e mais inteligível” (SMITH Jr., 1990, p. 81). O trabalho do designer começa do cálculo do tamanho do livro a partir da contagem dos caracteres e da sua disposição em tabelas que variam os tipos e que fornecem a indicação de quantos caracteres compõem uma página. Por essa divisão, a partir do número calculado de caracteres e da sua disposição na página, obtém-se o número de páginas do original básico, variando de acordo com as ilustrações, tabelas, gráficos que o livro tiver. As decisões do designer em relação à composição do livro no que diz respeito ao tipo utilizado estão diretamente ligados ao projeto da página. É preciso definir as margens, a numeração das páginas e se haverá título nas páginas. A organização desses elementos incidirá na escolha da classe e tamanho do tipo, os quais dependem ainda do espaçamento entre as linhas tendo sempre em vista os critérios de legibilidade e atração em relação ao leitor (SMITH, Jr., 1990, p. 84). Para um estudo que

investiga a materialidade essas observações são fundamentais para comparar as diferenças nos padrões editoriais de uma obra da mesma editora publicada em ocasiões diferentes e da mesma obra publicada por diferentes editoras.

A outra parte do projeto gráfico que fala tanto quanto um cartão de visita é a confecção da capa e da folha de rosto. “Por mais excelente que seja um projeto de capa, ele só é adequado a um dado livro se refletir que tipo de livro é aquele e se fizer com que alguém deseje pegá-lo ao vê-lo em uma livraria ou exposto em uma prateleira.” (SMITH, Jr., 1990, p. 86). O processo de confecção do livro consiste basicamente na composição, impressão e encadernação⁵.

Quanto ao formato, em geral os livros da coleção seguem um padrão de montagem a partir de cadernos de 16 páginas com formato de 12,0 cm de largura x 18, 0 cm de altura, com pouquíssimas variações, não se enquadrando no conjunto de formatos elencados por Araújo (1986) e Martins (2002)⁶. Há uma aproximação com o formato americano e francês. No primeiro caso, a folha mede 87 x 114 cm, que resulta em 64 páginas de um livro de formato 14 x 21 cm. Esse formato, adotado pela José Olympio na 3ª edição da obra *Pedagogia do Catecismo*, é preferido para obras de ficção, monografias e livros didáticos. No outro formato também utilizado para livros didáticos e monografias, a folha mede 76 x 96 cm, que resulta em um caderno de 64 páginas com formato de 13,5 x 20,5 cm. O formato padrão dos livros da coleção é ainda menor que o francês.

O acabamento também apresenta diversas variedades de composição que se dividem em quatro etapas: a dobradura, o alceamento, a brochagem e a encadernação. Após a dobradura, é preciso montar os cadernos na ordem em que as folhas aparecerão no livro. Essa montagem resulta em vários tipos de acabamentos. No caso da brochagem, o acabamento pode ser costurado ou colado. No caso da encadernação de capa dura, os cadernos necessariamente devem ser costurados entre si.

As lombadas destruídas de alguns manuais não permitiram a verificação da organização dos cadernos e do tipo de brochagem. Todos

⁵ Alguns autores se detêm em analisar ou expor de forma mais detalhada cada um desses processos. Dentre eles, destaco os trabalhos de Emanuel Araújo, *A Construção do Livro* (1986), SMITH, Jr. *Guia para editoração do Livro* (1990) e Wilson Martins, *A Palavra Escrita* (2002).

⁶ É preciso lembrar, de acordo com Martins (2002) que o formato nada tem a ver com a espessura do livro. “o formato é a medida da superfície e não indica senão a altura e a largura do volume” (p.120).

os livros da coleção são brochuras costuradas e as costuras são feitas atravessando as lombadas de cada caderno. Segundo Araújo, “a costura dos cadernos substitui a colagem nos livros mais bem acabados, o que confere uma capacidade de manuseio mais segura e durável.” (1986, p. 600). Unidos os cadernos, há ainda uma camada de cola para adesão da capa, nesse caso papel cartão em todos os livros.

A produção de uma coleção tem como característica básica a padronização em termos de cobertura, de estrutura interna e de estratégias de divulgação com o objetivo de baratear os custos de cada livro produzido, tornando-o acessível a uma nova classe de leitores que antes não tinha acesso a esse produto.

As relações que se estabelecem para cumprir esse propósito entre autor e editor nem sempre são pacíficas. Ao contrário, na maioria das vezes são relações tensas e conflituosas, não obstante seja possível construir uma cumplicidade nessa parceria. A função do editor é considerada uma função intelectual por abranger atividades que vão desde a seleção e controle dos textos, passando pelas relações com os autores, o controle do processo de impressão da obra até a sua distribuição junto aos leitores. Normalmente, “esse empreendedor singular se vê também como um intelectual e cuja atividade se faz em igualdade com a dos autores; daí, aliás, suas relações frequentemente difíceis e tensas” (CHARTIER, 1998, p. 53). A editora não é, portanto, “gráfica que imprime o texto que o autor carrega. Mexerá no texto, fará adaptações e estabelecerá cláusulas e obrigações.” (MUNAKATA, 1997, p. 169).

Os quatorze manuais que compõem a coleção foram publicados como livros didáticos, ou seja, uma coleção de cunho didático, com público leitor garantido⁷ e carregavam em si a função atribuída por Moreira Leite a todo livro didático: “uma tentativa de condensar e simplificar num espaço mínimo e portátil o que se teria necessidade de conhecer e utilizar na atividade escolar.” (*apud* MUNAKATA, 1997, p. 100).

⁷ O conceito de livro didático é utilizado aqui tal como o define Munakata “Livro didático é para usar: ser carregado à escola; ser aberto; ser rabiscado; ser dobrado, ser lido em voz alta em alguns trechos e em outros em silêncio; ser copiado; ser transportado de volta à casa; ser aberto denovo; ser ‘estudado’ [...] Objeto para ser usado, livro didático implica não uma relação direta e imediata do aluno e do professor com o conteúdo, esse mundo platônico de formas inteligíveis, mas antes atividades, práticas e de fazeres, numa situação efetiva de ensino e aprendizagem (MUNAKATA, 1997, p. 204).

A materialidade de um livro, sobretudo de um que é parte de uma coleção indica as escolhas dos editores para transformar o texto de forma a delinear ou chamar a atenção de um público criando uma ordem para a circulação dos livros. Nesse sentido, a atenção para os elementos materiais utilizados para atrair o leitor como capa, contracapa e o aparelho crítico se tornam indispensáveis em função do esclarecimento que tais elementos podem suscitar para a construção da história material dos livros e das coleções.

Além disso, esses elementos fazem parte do conjunto de componentes que influenciam diretamente no custo dos livros. A variedade de fatores que afetam a composição dos custos de um livro dificulta o estabelecimento de curvas-teóricas, curvas-padrão no processo de produção e, conseqüentemente, no valor final do livro. A interação e a possibilidade de variação entre esses elementos torna o cálculo do custo de um livro extremamente difícil e complexo (OLIVEIRA, *et al.*, 1984).

Alguns catálogos da Editora Vozes, diversos anúncios no Boletim Catequético, e as contracapas de alguns livros como o Manual de Religião me permitiram constatar os preços dos seguintes manuais: A pedagogia do Catecismo, 2ª edição, 6\$500; As Fontes do Salvador, 8\$000; O Caminho da Vida, 5\$000; A Doutrina Viva, 5\$000; Manual de Religião, 4ª ed., 4\$000; Diretrizes Catequéticas 2\$000⁸. Curiosamente,

⁸ Sendo o mil réis (1\$000) a unidade de medida da moeda da época, tomo como parâmetro de comparação a tabela elaborada por Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2003) em que as duas autoras buscam relacionar o valor do trabalho intelectual no Brasil de 1820 até 1930. A partir dos dados levantados pelas autoras, os livros do padre custavam relativamente mais caro que algumas obras de autores renomados publicados na década de 20, dentre eles, cito por exemplo, O Atheneu, de Raul de Pompéia (3\$000), Poesias de Olavo Bilac (3\$000), Os Caboclos de Valdomiro Silveira (4\$000 a re-edição), História do Brasil de João Ribeiro (4\$000). Comparado com o final do século XIX, os valores do livro ficaram mais altos. Em 1876, os livros variavam de 2\$000 a 3\$000, destaco como ilustração um exemplar de Machado de Assis. O catecismo da Doutrina Cristã custava 1\$000. Do ponto de vista de outras mercadorias do cotidiano, Neuza Carvalho (on line) cita o levantamento de dados feito por Jorge Americano em São Paulo Naquele Tempo, onde apanha valores de mercadorias do final do século XIX até 1915 que servem neste trabalho para criar uma referência do preço dos livros no cotidiano da população. Dentre os produtos citados pelo autor, destaco: Ovos (uma dúzia) - 1\$000 (um mil réis), Leite - \$500 - quinhentos réis, Sequilhos - 2\$000, Manteiga - 2\$300, Passas - 1\$000, Maço de cigarros Castelões - \$200, Diária de um operário - 3\$000, Preço de um piano - 900\$000, Alface, couve, cenoura, abobrinha, cheiro (salsa e cebolinha) - 1\$000, Frango - 1\$000, Galinha - 2\$000, Peru - 12\$000, Laranja - \$400 à dúzia, Banana nanica - 8 por um tostão - \$100, Maçã - 1\$000 a dúzia, Uva - 1\$500 o quilo, Peixe robalo grande (para casal, quatro filhos e três empregadas) - 1\$500 o quilo com camarões grandes de contrapeso, Empalhador - 3\$000 cada assento novo de cadeira de palhinha, 1 vintém (esmola usual correspondente a \$20) dava para comprar duas bananas e 1 pãozinho pequeno.

apesar de serem livros didáticos, reconhecidos pela editora como tal, sua localização no catálogo está na seção de religião ou ensino religioso. Todos os preços do catálogo conferem com os preços expostos no manual, a exceção do próprio Manual de Religião que na contracapa apresenta o valor de 4\$000 e nos catálogos consultados o valor de 3\$500⁹. O catálogo de 1943, não traz os preços das obras o que me impediu de verificar o valor do Meu Catecismo publicado em 1942.

Como objeto cultural, o livro é entendido como produto humano, social que ao mesmo tempo recebe as marcas da sociedade que o legitima, instrui, forma, educa, e, de uma forma ou de outra, age diretamente nas mentalidades daqueles que interagem com ele. A análise desse produto está inserida e, portanto, contribui, não só com o campo da História da Educação como também com a História do Livro. Em uma via de mão dupla o livro ora adota o papel de sujeito, ora de objeto. A materialidade evidencia a história dessa produção através da sua fórmula editorial e fornece elementos que iluminam as sombras de um documento que, no caso da coleção aqui analisada, estabeleceu-se monumento na memória coletiva daqueles que com ele interagiram.

Segundo Chartier,

Mais do que nunca, historiadores de obras literárias e historiadores das práticas e partilhas culturais têm consciência dos efeitos produzidos pelas formas materiais [...] Daí, então, a atenção dispensada, mesmo que discreta, aos dispositivos técnicos, visuais e físicos que organizam a leitura dos escritos quando se torna um livro. (1994, p. 8).

O suporte material de um texto o carrega de significação para o leitor. As distintas formas materiais estão diretamente ligadas às práticas de leitura, à produção de sentidos. No mundo do texto, é preciso se atentar para o que Chartier chama de “formas e sentidos” que vai da produção material até a apropriação da mensagem pelo leitor.

O estudo da materialidade de uma coleção pressupõe a observação das recorrências dos processos de edição, visando à constituição por parte do autor e editor do público leitor para o qual se destina o livro como mercadoria e objeto cultural. Essas recorrências adquirem os contornos de uma fórmula editorial, que é o elemento que permite perceber como o objeto é convertido em mercadoria e é apresentado ao mercado, o que implica pensar, necessariamente, na representação de leitor que é instituído pelo autor e editor. A análise

⁹ Foram consultados os catálogos gerais da editora dos anos de 1938, 1941 e 1943.

material realizada permite extrair a fórmula editorial da coleção que media a instituição desse leitor e traduz a sua representação.

A fórmula editorial constituída nessa coleção é unificada por, pelo menos, três dispositivos materiais: a autoria, a destinação e as marcas de impressão e circulação. Cada um deles carrega a representação que autor e editor desejam conferir a esses livros no mercado. O nome do padre Álvaro Negromonte, por exemplo, destacado no alto da capa em todos os livros, é referência de autoridade na catequese brasileira e busca articular essa autoridade entre os campos religioso e educacional. Ele não é só um membro da Igreja. A posição institucional, os cargos que ocupa e a rede de sociabilidade que desenvolve e apresenta nas orelhas, contracapas e prefácio do livro, o localiza no interior do campo religioso.

O outro dispositivo constituinte da fórmula editorial da coleção está relacionado à destinação dos catecismos. Mesmo antes de serem constituídos em coleção, seu público alvo sempre esteve relacionado ao mercado escolar e, sobretudo, católico. Essa escolarização dos saberes religiosos está marcada e é perceptível na forma com que o autor apresenta o conjunto de saberes instituídos para cada ano escolar formando, na prática, um currículo para o ensino religioso. Essa disposição material que seleciona imagens e exercícios diferenciados para cada série, que adequa a linguagem e o suporte pedagógico moderno, articula, na fórmula, a materialidade da coleção, os elementos que constituem o livro aos usos de destinação escolar.

O último dispositivo mais evidente dessa fórmula editorial, por compor o conjunto dos elementos recorrentes na produção desses livros é o tipo de impressão e as estratégias de circulação. Ambos buscam atestar a legitimidade da obra junto ao leitor. O imprimatur, por exemplo, é um selo, atestado pela própria Igreja, que autoriza suas obras. Esse selo traduz o significado de que a obra está em consonância com os cânones da Igreja. E a cada reedição é necessário um reimprimatur atestando a continuidade do autor em relação aos paradigmas da Igreja. A obtenção de um imprimatur está condicionada a apreciação da obra por censores que a julgarão pertinente ou não. Para os livros católicos, esse é um dispositivo obrigatório desde a Inquisição que os liga diretamente à autoridade da Igreja. Outros dispositivos dessa natureza são as dedicatórias, as cartas de intelectuais renomados no campo religioso (que ora aparecem nas orelhas, ora nas contracapas) e a própria carta do Papa, que se torna um elemento constante, desde que os livros são convertidos em coleção.

Esses três dispositivos que compõem a fórmula editorial da Coleção Mons. Álvaro Negromonte carregam em si representações que, aparentemente, são externas ao mercado, mas são fundamentais para fazerem com que esses livros sejam absorvidos por esse mercado, tendo em vista a destinação composta com a qual se articula: um público escolar e católico. A fórmula editorial, atrelada ao conjunto de conteúdos e modos de fazer propostos por Álvaro Negromonte permitem pensar sobre a reconstrução de um modelo de leitura e de aprendizagem que ia além das fórmulas de memorização dos antigos textos de catecismos. A análise dos conteúdos revela um desmembramento dos conteúdos em uma dimensão muito mais refinada que tomava como base os fundamentos que a Psicologia da criança trazia como contribuição aos processos educacionais. Nesse sentido, os livros traziam porções de “saber” adaptados aos alunos. Essa adaptação não ficava restrita ao conteúdo, mas era evidente também no formato do livro. Conforme as séries iam aumentando, os textos iam mudando seus formatos, com menos gravuras, um tipo de discurso diferenciado considerando a idade do aluno, fontes menores e textos mais amplos, indicando um aumento significativo no conteúdo proposto para aquele ano escolar.

4 Considerações Finais

A coleção Monsenhor Álvaro Negromonte põe em evidência parte de um discurso adotado que serviu como elemento constituinte do processo de configuração e conformação do campo da Pedagogia católica entre as décadas de 30 e 60 do século XX que vêm passando ao largo da historiografia da educação. Os estudos nessa direção ainda são incipientes e revelam ainda pouco do diálogo que os católicos estabeleceram com a Pedagogia Moderna e as correntes escolanovistas e a contribuição que resultou a partir daí para a Pedagogia Católica. Outro ponto que merece maior aprofundamento é a face regional dessa Pedagogia Católica. Assim como as Escolas Novas não devem ser entendidas como um movimento monolítico em todo o Brasil e mesmo no âmbito internacional, a Pedagogia Católica também não se constitui como um bloco uniforme. Ela configura um conjunto de princípios educativos com forte cunho filosófico e ideológico, mas não se abstém dos debates da sua época e nesse sentido, ela se apropria daquilo que entende como contribuição às suas práticas pedagógicas. Nesse processo, ela reinventa suas práticas, as quais apesar de terem diretrizes e princípios específicos, revelam “usos efetivos” que merecem ser estudadas em sua dimensão inventiva.

Os manuais de catecismo do padre Álvaro Negromonte circularam por todo o país com a missão de recolocar o ensino religioso nas escolas de forma sistemática e metódica, mas, não necessariamente, foram utilizados apenas nos colégios católicos. No Estado de Minas, seu lócus de produção, eles foram utilizados largamente nas escolas públicas, tendo recebido a colaboração de muitas de suas professoras para seu aperfeiçoamento, tanto do ponto de vista material quanto do conteúdo. Pode-se dizer que o seu uso no processo de escolarização da sociedade possibilitou maior mobilidade entre o campo religioso católico e a escola, fazendo com que os saberes doutrinários e pedagógicos se interpenetrassem e conformassem no Brasil uma educação calcada firmemente nos alicerces do catolicismo.

Referências

ARAÚJO, Emanuel. **A Construção do Livro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1986.

BOURDIEU, Pierre. “Gênese e estrutura do campo religioso”. In: _____ . **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 27-98.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura como prática cultural. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Pedagogia da Escola Nova, produção da natureza infantil e controle doutrinário da escola”. In: FREITAS, Marcos César de; KHULMANN, Moisés. **Os intelectuais na História da Infância**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 373-408.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Ed. UNB, 1994.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo de Moraes, São Paulo, UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1998.

_____. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ENCÍCLICA Divini Illius Magistri: **Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa XI sobre a educação cristã da juventude em 31 de dezembro de 1929**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1965.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A Formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Atica, 2003.

LUSTOSA, Oscar (Frei). **Catequese Católica no Brasil**: para uma história da evangelização. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992. (Coleção Estudos e Debates Latino-Americanos).

MACHADO, Orlando. “Um padre”. **Boletim Catequético**. Belo Horizonte, n. 104, jun/jul, 1950. p. 1-6.

MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Wilson. **A Palavra Escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Ática, 2002.

MUNAKATA, Kazumi. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. (Tese de Doutorado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

NEGROMONTE, Álvaro (Pe.). **Diretrizes Catequéticas**. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 1938.

_____. “Um texto novo de catecismo”. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Ed. Vozes, v. 2, fasc. 1, mar., 1942. p. 72-82.

OLIVEIRA, João Batista Araújo. *et al.* **A Política do livro didático**. São Paulo: Summus; Campinas: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1984.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. **Por uma civilização cristã**: a coleção Álvaro Negromonte e a pedagogia do catecismo. (Dissertação de Mestrado). São Cristóvão/SE: Universidade Federal de Sergipe, 2008.

PASSOS, Mauro. **A Pedagogia catequética e a educação na primeira República** (1889-1930). Universitá Pontifícia Salesiana/U.P.S: Itália, 1998. (Tese de Doutorado).

SGARBI, Antônio Donizetti. **Igreja, Educação e Modernidade na década de 30**: escolanovismo católico construído na CCBE divulgado pela Revista Brasileira de Pedagogia. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1997.

SMITH Jr. Datus C. **Guia para editoração de livros**. Recife: Editora Universitária da UFPE; Florianópolis: Ed. UFSC, 1990.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Coleção Atualidades Pedagógicas**: do projeto político ao editorial (1931-1981). (Tese de doutoramento). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2001.

VIDAL, Diana Gonçalves. Práticas de leitura na escola brasileira dos anos 1920 e 1930. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes. **Modos de ler, formas de escrever**: estudos de História da Leitura e da Escrita no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2001b. p. 88-116.

VILELA, Magno. “A tradição da catequese no Brasil”. In: BOLLIN, Antônio; GASPARINI, Francesco. **A catequese na vida da Igreja**: notas de história. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 259-327.

FONTES MANUSCRITAS

Correspondência de Álvaro Negromonte à Ed. José Olympio em 29 de abril de 1945. Documento n. 79.612 a 79.617. Pasta: Negromonte, Álvaro, Mons.- Col. J.O. Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa / Arquivo-Museu de Literatura.

LIVROS DA COLEÇÃO MONSENHOR ÁLVARO NEGROMONTE

NEGROMONTE, ÁLVARO (Pe.). **Meu Catecismo**: 1º Ano Primário. 11. ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1960.

_____. _____.: 2º Ano Primário. 19. ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1961.

_____. _____.: 3º Ano Primário. 15. ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1957.

_____. _____.: 4º Ano Primário. 17. ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1959

_____. **Manual de Religião**: para o curso elementar. 4. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1941.

_____. **Minha Vida Cristã**: 1ª série ginásial. 8. edição. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1960.

_____. **A Doutrina Viva**. 2. ed. Petrópolis / Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1941(para a segunda série do ensino ginásial).

_____. **As Fontes do Salvador**. 21. edição. Rio de Janeiro: Ed. Rumo, 1963 (para a terceira série ginásial).

_____. **O Caminho da Vida**: moral cristã (para a quarta série ginásial). 12. ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1954.

_____. **História da Igreja**: para o curso colegial. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1954.

_____. **A Pedagogia do Catecismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1940.

_____. **Guia do catequista para o Meu Catecismo**. 1º e 2º ano. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1961.

_____. _____. 3º ano. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1961.

_____. _____. 4º ano. Rio de Janeiro, Ed. RUMO, 1962.